
EDUCAÇÃO EM MUSEUS: DIDÁTICA, CURRÍCULO E MEDIAÇÃO EM CONTEXTOS PATRIMONIAIS

Maria do Carmo Martins¹

Beatriz Sarlo em recente livro sobre a cultura da memória, adverte que vivemos em uma época de excessos sobre lembranças, narrativas pessoais e monumentalização dos discursos sobre o passado. Para ela, tal excesso não corresponde apenas a uma profusão de produtos sobre a memória, mas ocorre como uma profusão de trabalhos que buscam lidar com a lembrança como memória, e o esquecimento como um vazio².

Assinalando que entender é mais importante que lembrar, embora para entender seja necessário lembrar, a autora nos propõe refletir sobre as dinâmicas discursivas que se estabelecem na cultura da memória, reafirmando que a guinada subjetiva que ocorreu nas últimas décadas do século XX, ao trazer os excluídos da periferia da história para seu centro, consegue realizar-se como uma função pública quando as narrativas sobre o passado abrem-se para a persistência da subjetividade, como uma espécie de artesanato da resistência.

Esta imagem do artesanato da resistência é bastante potente quando pensamos os museus e as ações que se podem realizar em seu interior, no contato com a materialidade presente em seus acervos e as possibilidades desses acervos serem lidos e interpretados.

Sabemos que as representações, as imaginações e as tentativas de (re)construir as experiências no contato com as materialidades, nos vinculam ao que já ocorreu em outras épocas e, não raras vezes, as operações discursivas que envolvem esse encontro nos impelem à monumentalização do passado. Ressignificar as práticas desses encontros seria, então, uma tarefa importante para aqueles que decidem dedicar-se aos mediadores que neles estão envolvidos.

Mario Chagas também nos adverte que, nos museus, sempre corre-se o risco de ressaltar uma memória eloquente e vitoriosa. Se os tomamos, porém, como lugares de memória, a serviço do desenvolvimento social e do exercício prático da memória como direito cidadão, a museologia e a museografia assumem a tarefa de afirmar os museus como

¹ Editora Associada - Docente. Membro do Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação - Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - Campinas, SP - Brasil. **Email:** carminha@unicamp.br

² Sarlo, Beatriz. *Tempo passado: a cultura da memória e a guinada subjetiva*- SP: Companhia das Letras; BH: Editora UFMG, 2007 (129 p.).

agências capazes de servir aos indivíduos de grupos e origens sociais diversas, que beneficiam-se desta agência para melhor equacionamento de seu acervo de problemas.

Segundo Chagas, “o museu que abraça esta vereda não está interessado apenas em democratizar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em democratizar a própria produção de bens, serviços e informações culturais”³.

Deste modo, novas criações culturais evidenciam-se quando estes lugares de memória se comprometem com o diverso, compreendendo que o encontro com o outro, favorece o crescimento de todos que entram em contato com a historicidade viva, múltipla. Favorece, inclusive, ao museu, que se abre para os conflitos e a diversidade de leituras possíveis diante de um acervo.

Compreendendo desta maneira, as atividades comunicativas, mediadoras, de parcerias para recepção de um público visitante, tornam-se cada vez mais importantes e as ações educativas voltam-se para a valorização da frequência aos museus. É, portanto, no âmbito das relações humanas afetivas, transcendentais, consequentes, temporais que a educação pode ser compreendida como atividade museal.

Este número da ETD-Educação Temática Digital traz um dossiê sobre Educação em Museus, com cinco artigos que apresentam variadas atividades realizadas em instituições museais, nacionais e internacionais, com ênfase na pluralidade dos sentidos educativos do museu.

Neles são descritos experimentos e práticas de mediação, são analisadas as teorias que podem facilitar o trabalho educativo em contextos patrimoniais e são ampliados os sentidos dos museus como espaço educativo. É possível perceber neles elementos deste artesanato da resistência, e é sensível a operação de seus autores em compreender como é possível a produção de serviços e informações culturais quando se enfatizam os vínculos entre os sujeitos frequentadores e os objetos herdados ou construídos, materiais ou não-materiais, presentes nos museus.

Para além do dossiê, este número é composto por mais nove artigos, que nos indicam os laboriosos modos intelectuais de defenderem a liberdade de conhecer.

Em alguns deles, os autores optam por utilizar as metodologias das pesquisas narrativas e etnográficas, nas quais o delicado trabalho de estar na presença do outro é apresentado e problematizado. Há, ainda, artigos que analisam os sentidos da escrita

³ Chagas, Mario de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mario de Andrade. Chapecó, Argós, 2006 (p.33)

acadêmica sobre conhecimentos e, artigos que versam sobre inovações e mudanças políticas ou pedagógicas na educação contemporânea.

Um dos artigos que encontra-se neste conjunto recebe um destaque neste editorial por ser "constituído integralmente por composições visuais" conforme definido em seu resumo. Seus autores referem-se a ele como arte-artigo.

Trata-se de uma experiência singular, não usual em publicações em educação. Sua publicação na ETD-Educação Temática Digital, reitera o caráter plural e multidisciplinar que a revista tem defendido e valorizado.

Boa leitura!
